

Ciência e Liberdade

Rousas J. Rushdoony

Os cientistas modernos têm uma imagem pública que os descreve como técnicos cômicos e empenhados que trabalham com toda seriedade na experimentação científica e que de alguma maneira abdicaram do dia-a-dia das pessoas comuns. Porém, sejam como forem os cientistas em pessoa, devemos dizer que seu pensamento e suas ciências são responsáveis em grande medida pela forma atual do moderno pensamento evolucionista. Mais especificamente, podemos dizer que aqueles que reprovam a conduta convencional, os hippies, os revolucionários, os drogados e outros manifestam muito claramente a influência das ciências modernas.

Para entender porque isto é assim, notemos o que Cornelius Van Til disse a respeito da meta da cultura moderna:

A meta específica da cultura moderna é o cultivo de uma personalidade humana livre e auto-suficiente. Aqueles que sustentam este ideal assumem que o mundo de tempo e espaço é controlado por leis impessoais e que a liberdade humana deve ser alcançada através da imposição negativa às leis impessoais de tempo e espaço. Não se pensa que o mundo de tempo e espaço encarna as leis do criador. Portanto, a idéia da liberdade é a de uma liberdade que se impõe acima do mecanismo; não é a liberdade que se encontra na obediência a Deus. De modo que a meta da liberdade é uma meta de pura negação, ou se é uma meta de afirmação é a afirmação de um ideal que se ergueu até o céu ilimitado do desconhecido. Aqui também se encontra a primeira obrigação dos cristãos: chamar os homens ao arrependimento para que eles e sua cultura não percam todo significado e os homens não permaneçam debaixo da ira de Deus.¹

A dialética do pensamento moderno é uma fé composta do binômio natureza-liberdade. O mundo da natureza é o mundo da necessidade, uma esfera mecanicista para muitos, e para todos os que compartilham a fé moderna, uma esfera fria, inerte e de inevitável irreflexão. O homem é um produto evolutivo desta esfera da necessidade. Sua mente é governada, formada e determinada por esta

¹ Cornelius Van Til: *Essays on Christian Education*, p. 5. Nutley, New Jersey: Presbyterian & Reformed Publishing Company, (1971) 1974.

esfera. Da mesma forma, em sua mente o homem pode conceber a liberdade, e, como o marxista, sonhar com libertar o homem desta esfera de necessidade para levá-lo a uma esfera de liberdade.

O marxismo é um dos muitos sistemas de fé que trataram de levar a cabo essa libertação. O fato inquietante é que não existe nenhuma razão válida para não chamar a essas tentativas de meras respostas predeterminadas, governadas e criadas pela esfera da necessidade. Como resultado, quando a natureza é a necessidade, se deduz que a liberdade é incapaz de algo mais do que negar. A *negação* se tornou importante para o homem moderno, quer dizer, a negação sem sentido. Temos o crime sem sentido, a conduta irracional dos rebeldes sem causa, e o delito na perversidade profundamente incrustada no caráter moderno.

Assim, Apollinaire advogou, no período de 1885–1914, *o ato gratuito* como a expressão da liberdade humana. “Alguém pode sustentar que o único domínio que conduz à ação puramente sem interesses é a inversão da caridade: *o mal não motivado*. Que se satisfaz com algo tão profundo quanto um capricho.”² Este tipo de conduta se tornou rotineira desde então entre a juventude moderna. A natureza é o ambiente da necessidade e da lei, e *então liberdade significa ilegalidade*.

Para nós, contudo, como Van Til declara, a liberdade “se encontra na obediência a Deus” e Deus é a fonte e o autor do universo e de toda lei. Portanto, nem a natureza, ou seja, o universo físico, nem a lei são hostis à liberdade, são essenciais para ela.

Porém, é fundamental para qualquer ensino de ciência em uma escola cristã que se descarte a idéia de uma esfera impessoal para a lei e a matéria. O resultado final de tal ensino seria uma reprodução da mentalidade moderna.

Além disso, tal perspectiva do universo físico como uma esfera impessoal para a ação e a lei é alheia e hostil à Escritura. Não nos atrevemos a destruir o significado, por exemplo, de Naum 1:2–8, reduzindo-o a mera poesia. Naum descreve como sendo um fato literal o controle totalmente pessoal de Deus e o uso do universo físico para cumprir Seus propósitos soberanos. A esfera natural e a sobrenatural se apresentam como totalmente governadas e utilizadas pelo Senhor para

² Roger Shattuck: *The Banquet Years*, p. 304. Garden City, New York; Doubleday Anchor Books, (1955) 1961.

Seus propósitos, e para ninguém mais. Nada na criação de Deus tem vida por si mesmo. Assim, pois, Naum declara:

O Senhor é Deus zeloso e vingador, o Senhor é vingador e cheio de ira; o Senhor toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos.

O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés.

Ele repreende o mar, e o faz secar, e minguam todos os rios; desfalecem Basã e o Carmelo, e a flor do Líbano se murcha.

Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem; e a terra se levanta diante dele, sim, o mundo e todos os que nele habitam.

Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua ira? A sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas.

O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam.

Mas, com inundação transbordante, acabará de uma vez com o lugar desta cidade; com trevas, perseguirá o Senhor os seus inimigos.

Somente uma fé assim pode preservar a ciência. A visão naturalista não somente produz uma visão da liberdade como negação, mas também uma visão da natureza como carente senso e significação. A ciência não pode durar muito quando o universo físico se converte em um conjunto de feitos brutos e carentes de significado, e então, a única esperança do homem se encontra na liberdade como o ato gratuito da negação.

Ademais, a visão moderna da ciência conduz a um reducionismo mortífero. A realidade é reduzida à matéria, e como resultado, a totalidade do mundo da Escritura é vista como algo secundário e periférico na maioria dos casos. O homem é visto como um ser que não é verdadeiramente livre a menos que conte com experiência na esfera física. Como resultado, a sexualidade, as viagens e as experiências físicas de vários tipos assumem dimensões religiosas. A religião é, como viu Tillich, aquilo que for o nosso maior interesse. Se nosso maior interesse está centrado na realidade física, então o sexo chegará a ser uma experiência religiosa necessária sem a qual não poderemos viver. Estaremos dispostos a crer também que o homem não vive realmente a

menos que tenha viajado para este ou aquele lugar, que tenha experimentado várias sensações físicas, e assim sucessivamente.

O ensino da ciência que nos dá o mundo de Einstein e Böhr simplesmente predisporia o estudante para o culto religioso popular do mundo físico. Se nosso ensino da ciência não se dá em termos do mundo que Naum e toda a Escritura apresentam, logo perderemos nossos estudantes entregando-os a uma fé rival, e a ciência será entregue à total falta de significado. O universo da ciência moderna está vazio de significado: tal visão produz vidas vazias, homens dotados de um senso de carência esmagadora de significado, um senso de caos e nulidade. Uma fé que encara todos os fatos do universo como fatos pessoais e como a criação de um Deus totalmente pessoal e soberano dará ao homem significado, crescimento e poder em termos do universo de Deus, o qual se encontra cheio de significado.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 67-70.